

UMA ANÁLISE DO ENSINO DE LIBRAS NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Maria Karoline Ribeiro Brito

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS III, stakarolinebrito@hotmail.com

Esse trabalho discute o processo de Ensino da Língua Brasileira de Sinais no Ensino Fundamental em determinada Escola Municipal, da cidade Guarabira/PB, e de maneira reflexiva contempla alguns pontos que envolvem a surdez e a pessoa surda, principalmente, no que se refere à Educação dos surdos e ao aprendizado da LIBRAS, por parte dos ouvintes, como Segunda Língua, ou L2 na referida escola. Para realizar tais considerações, foi de suma necessidade buscar respaldo e embasamento teórico em algumas obras pertinentes ao assunto, sendo estas da autoria de: Audrei Gesser (2009 e 2012), Márcia Goldfeld (2002), Vilma Slomski (2010), entre outros teóricos. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, alcançada através de um questionário formulado e aplicado à professora de Libras da referida escola. A partir desta pesquisa foi possível perceber a importância de ensinar a Língua Brasileira de Sinais aos ouvintes no Ensino Fundamental, posto que, adquirindo a língua de sinais, esses discentes poderão se comunicar com os colegas surdos com mais facilidade e a interação irá acontecer frequentemente.

Palavras-chave: Surdez, Educação, Ouvintes, Libras, Ensino.

Introdução

Atualmente, embora ainda haja muitos tabus acerca do desenvolvimento escolar de crianças e adolescentes surdos, podemos dizer que também são vários os campos de pesquisa que contemplam esse assunto e atentam para seus percalços com o objetivo de revertê-los. A inserção da pessoa surda na vida social e escolar ocorre através do aprendizado da Língua de Sinais, que é a Língua natural dos surdos; a nomenclatura dessa língua se modifica de país para país, sendo que a mesma aqui no Brasil é chamada de LIBRAS, que é o mesmo que dizer Língua Brasileira de Sinais.

Há, por parte dos estudiosos, grande preocupação em relação ao ensino da LIBRAS, principalmente no que se refere aos indivíduos ouvintes, pois não basta apenas o surdo aprender a língua viso-manual para que ele se sinta ativo no processo de interação com a sociedade, é necessário que os ouvintes também conheçam essa língua para trocarem conhecimento. E é nesse ponto que se instala uma grande dualidade de informações e diversos questionamentos e julgamentos; para uns, a Língua de Sinais limita os surdos e os acomodam a não mais buscarem meios de oralizar, para outros, os ouvintes não precisam adquirir essa língua porque enxergam nela uma única serventia: para os surdos se comunicarem entre si.

Esse assunto ganhou minha atenção após o cumprimento da primeira fase do estágio supervisionado numa série do ensino fundamental de uma escola de Guarabira/PB – o qual se

deu em função das exigências do curso de Licenciatura em Letras –, situação que proporcionou que eu conhecesse de perto a realidade de uma aluna surda numa sala de alunos ouvintes; durante os dias do estágio, para meu espanto, ficou bem evidente a falta de instrução dos demais alunos para lidar com a menina surda. Sabendo que, nessa escola, existe uma profissional habilitada no ensino da LIBRAS, instaurou-se a seguinte incógnita: como acontece o ensino dessa língua e de que forma os educandos ouvintes reagem a esse contato com a mesma e com as pessoas surdas?

Levando em conta tais pontos, essa pesquisa busca investigar de que forma acontece o ensino de LIBRAS como Segunda Língua em uma escola de ensino fundamental da rede municipal da cidade Guarabira/PB. E para a seguinte pergunta norteadora: como se efetiva o ensino da Língua Brasileira de Sinais no local? De modo a analisar como se dá esse ensino e realizar as devidas considerações sobre essas aulas.

Logo, se objetiva conhecer como ocorre o ensino da Língua Brasileira de Sinais e analisar como acontece na prática o processo de ensino e aprendizagem dos alunos em relação a essa língua; informar-se sobre o envolvimento e o desempenho dos alunos nas aulas de LIBRAS; entender quais são, segundo a docente, os benefícios dos alunos ouvintes aprenderem a língua brasileira de sinais no ensino fundamental; e refletir sobre as experiências exitosas vivenciadas pela professora ensinando a LIBRAS como L2.

O procedimento metodológico adotado para a construção dessa pesquisa foi de caráter qualitativo exploratório, alcançado através da aplicação de um questionário contendo cinco perguntas, as quais são questões dissertativas, e teve como sujeito de pesquisa apenas a professora de LIBRAS da escola escolhida.

O referido trabalho contém os capítulos: *Metodologia*, que aponta as nuances de uma pesquisa e as informações relevantes para a construção desse artigo; *A Libras e Seu Espaço na Sociedade ao Longo dos Anos*, que contém os subcapítulos: *A Educação dos Surdos no Brasil*, cujo texto contempla um breve contexto histórico de como essa língua se difundiu em nosso país e como aconteceu seu ensino a priori; *Filosofias Educacionais na Educação dos Surdos*, que é um capítulo subsequente (e atrelado diretamente) ao anterior e explica melhor cada uma das filosofias que nortearam a metodologia utilizada na educação dos surdos; *Libras e Suas Particularidades*, que mostra alguns dos vários mitos e crenças que cercam a língua de sinais; e *O Ensino de Libras Como Segunda Língua*, que evidencia a importância do ensino da língua de sinais nas escolas para todos os alunos; *Resultados, Análise e Discussões*, capítulo que traz o ponto alto desse estudo e *Conclusão*, que apresenta a relevância dessa pesquisa.

Metodologia

Antes de adentrarmos na metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa, vejamos o que vem a ser uma Pesquisa. De acordo com Silva e Menezes (2001, p. 19 apud Kauark, 2010, p. 24), pesquisa significa (simplesmente) *“procurar respostas para indagações propostas”*. Logo, segundo Ruiz (1991, p. XX apud Kauark, 2010, p. 24), *“Pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, é desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência”*. Gil (1999, p. 42 apud SILVA e MENEZES, 2001, p. 20) diz: *“A pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas, através do emprego de processos científicos”* (apud KAUARK, 2010, p. 24).

Vale salientar que existem várias formas de classificar as Pesquisas, dependendo da natureza, do assunto abordado, do objetivo e dos procedimentos efetivados para alcançar os dados (KAUARK, 2010, p. 31). Logo, para fazer uma análise do ensino de Libras no contexto de uma escola pública foi preciso localizar uma escola da rede pública que seja adepta à educação inclusiva e conhecer os profissionais habilitados nessa área de Libras; por isso a escolha de uma professora para responder o questionário, pois ela é a única profissional de língua de sinais nessa instituição.

Assim sendo, essa pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa exploratória, pois atende às características de uma pesquisa de cunho qualitativo, que lida com fenômenos [do grego *phai-nomenon*: significa aquilo que se mostra, algo que se manifesta] e/ou eventos cujos sentidos existem apenas num âmbito particular e subjetivo (KAUARK, 2010, p. 27). E explorou a realidade vivenciada pela professora responsável por ministrar as aulas de LIBRAS da escola escolhida como campo de pesquisa para tal investigação.

Esse estudo teve como instrumento um questionário e sobre a utilização do mesmo, afirma Kauark (2010, p. 58): *“O Questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. A confecção é feita pelo pesquisador; o preenchimento é realizado pelo informante”*, informante esse que nesse caso, específico, foi uma docente da área de LIBRAS, que leciona no Centro Educacional de Ensino Fundamental (que serviu de campo para esse estudo de caso), localizado em Guarabira/PB. Contém cinco perguntas dissertativas e, desse modo, as respostas serão descritivas.

Resultados, análise e discussões

O suporte para essa análise se sustenta nas respostas do questionário utilizado como coleta de dados, elaborado para a professora de Libras da escola municipal escolhida; o questionário conteve cinco (05) questões, as quais veremos a seguir, acompanhadas das respostas da docente:

A primeira pergunta ou questão 1, indagou qual a formação da Professora de Libras e há quanto tempo a mesma atua na área do ensino de LIBRAS? De resposta, teve-se:

R = “*Licenciada em Pedagogia e História com habilitação de Excepcionais deficientes da audiocomunicação e especialização em Libras*”.

Como podemos ver, a docente tem formação nos cursos de licenciatura em Pedagogia e História, é habilitada em Excepcionais deficientes da audiocomunicação e especialista em LIBRAS e, sobre sua formação, é pertinente ressaltar o que diz Capítulo III do Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, intitulado Da Formação Do Professor De Libras e Do Instrutor de Libras, a partir do seu Art. 4º, expõe:

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue. (BRASIL, 2005)

Mostrando, assim, que a formação da professora é mais adequada e compatível para leccionar o ensino de Libras na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Contudo, a mesma ensina na segunda fase do Ensino Fundamental e isso mostra que ela atendeu os requisitos exigidos pela escola – que não sabemos quais foram.

Após a regulamentação da LIBRAS no Brasil, tornou-se fundamentalmente importante a formação específica para os professores ensinarem essa língua para surdos e ouvintes, pois visando permear a integração da pessoa surda no ambiente da pessoa ouvinte (levando em conta que esse sujeito ouvinte seja conhecedor da Língua Brasileira de Sinais e vice e versa), conseqüentemente, houve a necessidade de colocar à frente desse processo um profissional totalmente qualificado para que não houvesse falha nesse ensino. A ligação entre essas duas realidades: A do mundo surdo e do mundo ouvinte, somente acontece quando aqueles que ouvem são colocados em contato com o indivíduo surdo e isso ocorre apenas por meio da língua de sinais.

O fato de um surdo oralizar não traz impacto para a sua trajetória de vida no sentido pessoal, pois o mesmo não sente essa fala como uma característica natural do seu corpo. Essa oralização beneficia, exclusivamente, o ouvinte, surgindo como mera facilitadora para o entendimento do ouvinte; em uma situação de conversa oral, o surdo não tem privilégios, aquelas palavras são totalmente externas a ele, diferentemente do que ocorre com a língua de sinais, que é expressada pela pessoa surda com emoção e plenitude. Particularmente para os surdos, a aprendizagem da LIBRAS acontece unicamente no âmbito escolar (realidade que é lamentável), visto que nem sempre os pais adquirem a Língua Brasileira de Sinais.

Acerca do que foi exposto até aqui, é pertinente citar o que afirma Gesser (2012), em suas pesquisas incansáveis:

Há, na trajetória de vida dos surdos enquanto grupo minoritário, um inventário em que se desdobram histórias cheias de traumas, violências e frustrações. As línguas de sinais convivem com a língua oral, e nessa relação de línguas com diferenças de *status* social haverá sempre conflitos instabilidade e assimetria entre a língua dominante e a língua dominada. (GESSER, 2012, p. 115)

É importante pensarmos, sobre as outras aulas de disciplinas que contemplam fortemente a oralidade, a língua oral em si, e apenas uma aula de língua de sinais para os alunos, logo, é perceptível a desvantagem sofrida pelas pessoas que utilizam LIBRAS, de modo que os alunos surdos são ensinados mais por meio da língua oral do que por meio da sua própria língua, fato que conserva marcada essa “diferença de *status* social” mencionada por Gesser (2012). Essa disputa entre as línguas (manual e oral) deve ser aniquilada o quanto antes e para isso acontecer é preciso tomarmos consciência que o caminho para uma nova realidade é a valorização mútua dessas línguas, porque priorizando os educandos e suas necessidades naturais, será possível alcançar um ensino bilíngue – a Libras como Primeira Língua para os surdos e Segunda Língua para os ouvintes –, vantajoso para todos os alunos.

A segunda pergunta ou questão 2, questionou como se dá o ensino de LIBRAS na escola da mesma? Como resposta, teve-se:

R = “*Nas escolas de ensino fundamental de 6º a 9º ano acontecem uma (01) aula de libras por turma com direito a frequência escolar e avaliação*”.

A afirmação da docente de Libras em torno das séries nas quais ensina está exposta na lei, mas precisamente no Capítulo VI, intitulado Da Garantia Do Direito à Educação Das Pessoas Surdas ou Com Deficiência Auditiva, que prevê:



Art. 22 As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (BRASIL, 2002)

Com a formulação desse decreto, muitas pessoas imaginam que a disciplina de Língua Brasileira de Sinais nas escolas básicas ocupa um lugar privilegiado no âmbito escolar, mas não é bem assim, como podemos ver – a partir da resposta da educadora –, embora seja considerada a frequência nas aulas e haja avaliação para as turmas de LIBRAS, bem como acontece com as demais disciplinas, é destinada a essa matéria apenas uma aula semanal em cada turma da segunda fase do ensino fundamental, quantidade que é insuficiente para fornecer aos alunos o suporte necessário para adquirirem essa nova língua satisfatoriamente.

A terceira questão ou questão 3, solicitou que a docente comentasse um pouco sobre como é o envolvimento e o desempenho do aluno nas aulas de LIBRAS. De resposta, teve-se:

R = “*Como a Libras tem seus parâmetros (configuração de mãos, orientação, direção, movimento, expressão facial) nem todos os alunos querem se envolver nas atividades práticas; já outros ficam curiosos e encantados para se comunicar usando a Libras*”.

Como bem disse a educadora, a Língua Brasileira de Sinais no geral possui suas próprias peculiaridades – igualmente como toda e qualquer língua oral, de qualquer país que seja – e, desse modo, apresenta também legitimidade como qualquer outra língua, inclusive possui igual independência linguística, porém, expressada nos sinais. E diante disso se explica a dificuldade, receio e frustração por parte dos ouvintes quando é chegada a hora de entrar em contato com a Libras ou colocado em contato com o surdo. Tornar-se fluente em Libras apresenta os mesmos desafios de tornar-se fluente (oralmente) em qualquer língua, por isso, para saber conversar em língua de sinais, requer força de vontade e determinação, visto que precisa muita dedicação para aprender os pontos relevantes que distanciam o ouvinte fluente daquele não fluente.

Acerca do aprendizado da Libras, afirma Gesser (2012):

[...] Quando passei a aprender a LIBRAS, senti na pele, muitas vezes por desconhecimento, os medos, anseios, angústias, e frustrações pelos quais passa a maioria dos ouvintes nos primeiros contatos com um surdo e a língua de sinais. Mas

não nego que aprendizes brasileiros, por exemplo, em contato com uma língua estrangeira oral também passem por essas mesmas sensações... O fato é que, com a língua de sinais, esses sentimentos parecem se ampliar e outra relação se estabelecer: ora por conta das crenças e preconceitos que muitos ouvintes têm sobre a realidade surda (Gesser, 2009); ora pelo “distanciamento” que se instaura entre as línguas do professor e as dos alunos, por conta da própria *modalidade linguística* da língua de sinais. Aprender uma língua cujo canal de comunicação é totalmente alheio e diferente causa um estranhamento *aos olhos e mãos* dos ouvintes, e esse estranhamento é ampliado e agravado quando se compartilha a convicção (cem por cento equivocada!) de que os surdos são “deficientes” e “anormais” ou de que as línguas de sinais não são línguas. (GESSER, 2012, p. 10)

Desse modo, é evidente que os fatores externos estão bem presentes no cotidiano escolar e são fortemente responsáveis quanto ao desempenho dos alunos, pois se os educandos estão inseridos num ambiente social/familiar que nega ou não privilegia o surdo como indivíduo social, logo, esses discentes refletirão essa realidade (que presencia) na escola e demonstrará certa relutância em adquirir como nova língua a LIBRAS.

Todavia, além dos pontos delicados no que se refere ao aprendizado da língua de sinais, como já foi dito acima – pela professora – que “*nem todos (os alunos) querem se envolver nas atividades práticas*”, existem os pontos positivos como, por exemplo, aqueles alunos que também segundo ela “*ficam curiosos e encantados para se comunicar usando a Libras*”... e, sobre isso, é pertinente e interessante trazer à tona um relato da autora, Audrei Gesser, exposto em sua obra “*O ouvinte e a surdez – sobre ensinar e aprender a LIBRAS*”, publicada em 2010, que ela diz:

[...] Lembro-me da primeira vez que ouvi: “A língua de sinais é uma língua como outra qualquer”, frase dita pelo professor Pedro M. Garcez, no curso de pós-graduação, e de minha surpresa imediata. Pois essa constatação me deu a possibilidade de falar uma língua com as mãos. Percebi também como eu estava inscrita em uma narrativa hegemônica e popular: eu achava que os surdos falavam por meio do alfabeto manual e que seus gestos não passavam de mímica [...]. (GESSER, 2010, p. 9)

Percebemos de forma clara a transformação pela qual a autora passou e sua alegria e satisfação ao se mostrar aberta a conhecer uma nova língua e desmitificar o que, até então, era um pensamento íntimo e postulado para si. Ao passo que caminhava mais e mais por esse caminho bilíngue, Gesser (2012) passou a valorizar a LIBRAS como a língua tal qual ela é e modificou sua visão em relação à pessoa surda. Fato que pode e deve acontecer com crianças e adolescentes quando postos em contato com essa língua tão rica que, além de educar, humaniza, visto que através dela também, assim como acontece com a língua oral, é possível

inserir o indivíduo na vida social e dar-lhe a noção de cidadania, noção essa que todos deveriam ter.

A quarta indagação ou questão 4, perguntou na concepção da profissional, quais são os benefícios dos alunos ouvintes aprenderem língua de sinais no ensino fundamental? Para tal questionamento, teve-se a explicação:

R = *“Os benefícios são uma língua oficializada; divulgação e expansão da língua de sinais na comunidade ouvinte; oportunidade de trabalho por conhecer a Língua; inclusão dos surdos por meio do uso da Língua de Sinais”.*

A partir da resposta da docente, pode ser entendida como uma benefício proveniente da aquisição da língua de sinais, especificamente a LIBRAS, a importância da troca de conhecimento entre surdos e ouvintes e a fixação da interação nas aulas de Libras, interação essa que pode vir acontecer nas aulas das demais disciplinas. Com a prática da Língua Brasileira de Sinais além da aula da disciplina específica o desenvolvimento e conhecimento dessa língua se propagarão facilmente e as barreiras, antes intransponíveis, serão ultrapassadas.

Como afirma Bakhtin (1990, apud Mascarello, 2014):

Tais proposições evidenciam uma concepção de linguagem dialógica, em que se pressupõe um interlocutor ativo e responsivo, sendo a linguagem vista como um lugar de interação humana. Tanto professor quanto aluno atuam na interação em sala de aula. O desenvolvimento é coletivo. Um aluno ajuda o outro assim como o professor ajuda o aluno e vice e versa. (MASCARELLO, 2014, p. 132)

Vale ressaltar que a língua dos surdos é exteriorizada através da utilização de sinais, por meio das mãos e não é inferior à língua oral em nenhum ponto, e muito embora venha de um histórico de desvalorização, muitos são os avanços em torno dessa língua e é dever de todos os ouvintes, simpatizantes da comunidade surda, unir-se aos surdos pela busca de reconhecimento e valorização, afinal, somos deficientes quando agimos com preconceito com uma cultura diferente da nossa por não conhecermos e não estarmos abertos a conhecer.

A quinta e última pergunta ou questão 5, solicitou que a educadora comentasse um pouco sobre suas experiências exitosas ao ensinar LIBRAS como segunda língua (ou L2) nessa escola. Como resposta, teve-se:

R = *“É gratificante ver a aceitação da língua de sinais no meio escolar, tendo em vista um passado de exclusão da comunidade surda na sociedade. Já presenciei e ouvi relatos de estudantes superando as barreiras e se comunicando com os surdos da escola, como*

também, a contribuição de alunos surdos no decorrer dos anos ensinando sua língua e confirmando os sinais”.

Essa resposta evidencia que o tempo em que se acreditava que os surdos não eram capazes de aprender ficou para trás e quanto maior for a distância desse pensamento, melhor será nossa evolução enquanto pessoas comuns; a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nos Artigos 4º, 58, 59 e 60, bem como a Constituição Federal de 1988, traz todo um aparato em torno desse assunto, como afirma Felipe (2006, p. 45): *“garantem às pessoas surdas o direito de igualdade de oportunidade no processo educacional. [...]”* Ou seja, o aluno surdo é tão valioso quanto os demais, pois à medida que o mesmo aprende também ensina e esse aprendizado mútuo é bastante motivador.

Continuando, segundo Felipe (2006, p. 45): *“A Constituição dá possibilidades para a construção de novos caminhos, respeitando os direitos de todos, e isso inclui as pessoas com deficiência, suas necessidades de acessibilidade e inclusão educacional e social”*. Ao passo que é implantada na escola essa aceitação em torno da língua de sinais, vai se formando a identidade social do estudante surdo, pois o mesmo terá amigos e, com eles, irá expressar sua personalidade, suas vontades, suas características, qualidades e defeitos no sentido comportamental, bem como qualquer ser humano.

E para a inclusão educacional, além das aulas de Libras, tem de haver por parte de todos os profissionais a compreensão que a primeira língua do surdo deve ser a Língua de Sinais, ao contrário do aluno ouvinte que tem contato com a LIBRAS como segunda língua. Sendo ambos indivíduos que têm a possibilidade de se tornarem bilíngues, o que será possível através da força de vontade dos próprios alunos e do professor da Língua Brasileira de Sinais que, acima de tudo, deve elevar os pontos positivos do ensino para o bem comum de todos, sem se deixar abater pelas dificuldades que surgem.

Conclusão

Este artigo foi de extrema importância para o meu crescimento profissional e pessoal, pois me proporcionou mergulhar em um assunto que é tão antigo ao mesmo passo que também é atual e reconhecer a Libras e seu grande valor para a sociedade como um todo. Ao ter a oportunidade de conhecer livros iguais aos de Gesser (2009 e 2012), Goldfeld (2002) e Slomski (2012), percebi que adentrei em um universo muito intenso, que existe sob nossos olhos, mas que, muitas vezes, não enxergamos. O preconceito para com os surdos, ao longo

da história, e em um passado não tão distante, pesou de tal forma que, hoje em dia, as pessoas surdas ainda sentem a envergadura por ele causada.

Assim sendo, nada mais adequado que esse preconceito seja desconstruído no ambiente escolar, que além de acolhedor deve ser democrático, um local bastante propício para fazer florir a aceitação e disseminar, em meio as crianças e dos adolescentes, o amor e a compreensão de que todas as pessoas são iguais por terem inúmeras diferenças. Cada ser humano tem uma característica própria e nessas obras, a surdez é encarada dessa forma: como uma característica própria, apenas. E quando nos propomos a conhecer pessoas muito diferentes de nós, maiores são as chances de aprendermos e evoluirmos mais a cada dia.

Pesquisar esse assunto faz despertar um pensamento sensível e esclarecedor acerca da comunidade surda e instiga a reflexão sobre como ocorre o processo em torno da Educação dessas pessoas; de forma clara e objetiva é possível entender toda a negatividade que foi atribuída a esse assunto durante décadas e esse fato instiga o anseio por mudanças, já que estamos em outro tempo, este, com indivíduos mais esclarecidos e menos intolerantes. Abrir a mente para essas questões, faz com que o ser humano exerça seu papel social como valorizador da humanidade, reconhecendo em seus semelhantes a naturalidade das diferenças.

Como foi possível identificar, são muitos os desafios que existem no processo de ensino e aprendizagem dos surdos, e estes ocasionam a ineficiência no ensino de Libras e na total interação entre pessoas ouvintes e surdas. O direito dos surdos à Educação é garantido por lei, através do Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, mas na prática essa lei não se cumpre total e fielmente, devido a fatores tais como: rejeição dos alunos ouvintes por alegarem que se comunicar em LIBRAS é difícil ou apenas por simples falta de interesse. E o primeiro passo para reverter essa situação deve ser dado pelo professor, que deve se empenhar em desmitificar os maléficos conceitos que, por muito tempo, foram postulados na sociedade.

Percebemos também que acontece preconceito por parte dos alunos ouvintes ou por parte de suas famílias, alguém que não conviva ou que não esteja em contato com um surdo não enxerga a mínima serventia em adquirir a língua de sinais, e isso é uma coisa simples, se comparada com a rejeição e não interesse de famílias que têm membros surdos, mas não se empenham em aprender a Língua Brasileira de Sinais.

Estudar sobre a Educação dos surdos e como acontece o ensino de LIBRAS em uma escola de Ensino Fundamental, faz com que se abra um novo canal de pensamento sobre a inclusão e favorece a reflexão em função desse tema. Possibilita a abertura para a discussão do mesmo na academia e vai ganhando propagação e adeptos para a comunidade surda, pois

aprender Libras não só oferece ao aprendiz o meio de comunicação em outra língua, como o torna bilíngue e, assim, abre outros horizontes profissionais para essa pessoa. Levando em conta tudo isso, o artigo exposto foi de grande conhecimento pelo aprendiz adquirido sobre a surdez e o ensino dos surdos – na segunda fase do ensino fundamental –, que somente foi possível através da pesquisa teórica e das respostas do questionário, respondido pela professora de Libras da escola escolhida.

Referências

BRASIL, Constituição Federal / **Língua Brasileira de Sinais : Libras e outras providências**. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Brasília: Senado Federal, 2002.

_____. Constituição Federal / **Língua Brasileira de Sinais - Libras**. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 / Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Senado Federal, 2005.

FELIPE, Tanya A. **Políticas públicas para inserção da LIBRAS na educação de surdos**. In: Revista Espaço. Informativo Técnico Científico do INES. Nº 25/26, JAN / DEZ. / 2006, p. 33-47.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda** / Audrei Gesser. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____, Audrei. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS** / Audrei Gesser. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista** / Márcia Goldfeld. – 2ª Ed. – São Paulo: Plexus Editora, 2002.

KAUARK, Fabiana. **Metodologia da pesquisa: guia prático** / Fabiana Kauark, Fernanda Castro Manhães e Carlos Henrique Medeiros (orgs.). – Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MASCARELLO, Fábio. **Revista Línguas & Letras** – Unioeste – Vol. 15 – Nº 28 – Primeiro Semestre de 2014 e ISSN 1981-4755 Fábio Mascarello / Maria Elena Pires - Santos.

SLOMSKI, Vilma Geni. **Educação bilíngue para surdos: concepções e implicações práticas** / Vilma Geni Slomski / 1ª Ed. (2010), 2ª reimpr. / Curitiba: Juruá, 2012.